

VOL. V

1899-1900

N.º 5

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum solvunt monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1900

SUMMÁRIO

- O CALIX DE OURO DO MOSTEIRO DE ALCORÇA: 129.
OS CASTELLOS DE FRAIÃO E DE PENA DA RAINHA: 134.
GIMONDE: 136.
ANALECTA EPIGRAPHICA LUSITANO-ROMANA: 138.
PICOTE (MIRANDA-DO-DOURO): 143.
AUTO D'UMA POSSE DO CASTELLO DE NOUDAR E INVENTARIO DO QUE
LÁ EXISTIA NO SECULO XVI: 146.
O PAÇO DUCAL DE BARCELLOS: 151.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 153.

Este fascículo vai illustrado com 10 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELA

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 5

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

(Continuação)

II

Cartas entre o P.^o D. Manoel Cactano de Sousa e Fr. Manoel dos Santos

Meu senhor. — Recebendo neste correio carta do P.^o Dr. Fr. Bernardo Telles, não achei nella novas de V. Rev.^{ma}, tendo-lhe eu pedido que expuzesse a V. Rev.^{ma} a grande veneração que tenho á sua pessoa e aos seus estudos, principalmente depois que vi em casa de meu irmão, o sr. D. Philippe, a primeira parte de *Alcobaça illustrada*, obra importantissima e que muito desejo ver concluida, dando-se á luz tudo o que falta para acabar a sua historia; e, ainda que já hoje pedi ao sobredito P.^o Dr. que me mandasse novas de V. Rev.^{ma}, não quero deixar de offerecer-lhe de novo, por esta carta, as expressões do meu respeito.

Já V. Rev.^{ma} saberá como, depois de publicado o nosso certamen, anda muito celebre por este reino o calix de Alcobaça, em que alli se falla; e alguns curiosos me pedem que procure saber de V. Rev.^{ma} o nome do artifice que o fez e da pessoa que o deu ou mandou fazer, do que não pôde faltar memoria nesse archivo, de que os estudos de V. Rev.^{ma} o tem feito tão senhor.

Eu ainda entro em mais munda curiosidade, que é a de saber se tambem a patena tem lettras, e quaes são; e de que côres são os esmaltes; e se no calix ha algumas figuras ou imagens, e quaes são; e se nas lettras que se acham á roda, e vão impressas no papel incluso, ha alguma variedade, de estarem umas mais relevadas e outras menos, e quaes são as em que ha differença; porque, havendo-a, será facilissimo a V. Rev.^{ma} o significar-m'a, com qualquer signal posto sobre ellas, no papel em que vierem escriptas.

E, se não parecerá demasiado atrevimento para primeira carta, havia de pedir nesta a V. Rev.^{ma} que me fizesse o favor de me mandar uma exacta descripção do mesmo calix e patena, com as suas medidas e pesos; porque desejo ter plena noticia d'esta sagrada antigualha, e muy especialmente das divisões que ha entre as lettras, e se é perceptivel o saber adonde começam os lettreiros circulares, ou se é arbitrario o seu principio; e se se percebe alguma correspondência entre as 27 lettras que estão na columna do calix, e as 110 que estão na sua base.

Perdoe V. Rev.^{ma} inquirição tão proliza a um homem a quem parece que nenhuma diligencia é nimia; porque toda a minha vida procurei escrever com sua



O P.^o Manrique, tinha já lido antigamente; mas não me lembrava d'aquella memoria, que agora tornei a ver, depois que V. Rev.^{ma} m'a apontou.

Outra vez torno a pedir a V. Rev.^{ma} perdão da minha prolixidade, e a dar-lhe as graças da sua paciência, e a rogar-lhe que me não falte com as occasiões de servi-lo, e que continue na sua obra, para credito d'este reino. Fico advertido para mandar a V. Rev.^{ma} as adivinhações que se fizerem sobre aquellas letras.

Deus guarde a V. Rev.^{ma} muitos annos, como desejo.

Lisboa, 14 de Outubro de 1713. — De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo — [D. Manoel Caetano de Sousa].

Meu senhor. — Em 14 d'este mez, escrevi a V. Rev.^{ma}; mas ainda não sei se lhe chegou á mão a minha carta. Agora lhe escrevo, para lhe tornar a dar as graças pelas noticias que me deu d'esse famoso calix; porque, com a sua luz, tenho descoberto o que significam aquellas letras.

Contém ellas seis versos latinos, hexametros, que se lêem de tantos modos, que formam um labyrintho. Eu o mandarei a V. Rev.^{ma}, como estiver trasladado; e lhe mandarei tambem a noticia do que sobre esta materia apparecer no nosso certamen; mas quiz-lhe antecipar a nova d'este meu achado, que tenho por certo, apesar dos criticos, se V. Rev.^{ma} não entender o contrario.

Fico ás ordens de V. Rev.^{ma}, a quem Deus guarde muitos annos.

Lisboa, 28 de Outubro de 1713. — De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo — [D. Manoel Caetano de Sousa].

Rev.^{ma} P.^o Mestre. — Uma e mil vezes dou a V. Rev.^{ma} o devido parabem pelo eruditissimo achado de que me dá conta na sua de 28 de Outubro, noticia que todos aqui recebemos (porque logo a communicuei) com plausibilidade commum, assi pelo muito que veneramos a V. Rev.^{ma}, e juntamente porque a gloria do mesmo achado, sem aggravamento de terceiro, a queriamos antes ver e merecer a algum dos nossos, do que não a estrangeiro, que presumisse talvez passar adeante, aonde não chegaram os engenhos de Portugal — supposto que tambem nelles veneramos talento e letras.

A outra de V. Rev.^{ma}, de 14 do mesmo Outubro, achei vindo de fóra; por isso não respondi, porque não estava em casa.

Agora, vae o mais que V. Rev.^{ma} pedia: — a altura do calix e a medida da bôcca do copo, nesse papel¹.

As pedras todas são dextoite, e estão repartidas em tres ordens. Seis no meio da columna do calix, em um grosso que alli faz; das quaes tres me parecem esmeraldas, porque são de côr verde, muito clara e fina. As outras tres são de côr azul escura.

No pé do calix, e nos vãos que vae fazendo o círculo das letras, estão outras seis, e todas de uma côr, como de ouro, muito clara e transparente; e, posta á luz, parece que se reveste a mesma côr amarella como de outra côr, que sae a encarnada. Estas são as maiores, e alguma maior que o maior feijão branco.

¹ Altura, 0^o, 27; diametro, 0^o, 112.

As outras seis estão em outro círculo, na parte mais inferior do pé do calix. Tres são rubis finissimos e grandes; as outras tres são da cor azul escura, como as da columna. Com outros muitos lindissimos feitos e brincoes esmaltados que se vêem em todo calix, o qual, que seja moderno e do tempo de el-rei D. Manoel, alem das conjecturas que já dei, se prova tambem de serem as suas letras de caracteres modernos, latinos, e não gothicos; porque temos outras peças sagradas, como é uma cruz grande e dois vasos da communhão, e outras, todas antigas, nas quaes se vêem alguns lettreiros, mas de letra gothica.

As letras da patena—I H S—estão multiplicadas quatro vezes e repetidas nos quatro lados da mesma patena.

Fico esperando, e toda esta communitade, com notavel alvoroço, pela mereç que V. Rev.^{ma} me promette, de me mandar os versos e o mais que sair sobre as letras, e ainda alguma cousa mais do certamen; e, sobretudo, com boas novas de V. Rev.^{ma}, que V. Rev.^{ma} se sirva mais vezes da minha limitação.

Deus guarde a V. Rev.^{ma}, como muito desejo, etc.

Alcobaça, 10 de Novembro de 1713.—De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo — Fr. Manoel dos Santos.

Meu senhor.—Com grande alvoroço, recebi a carta de V. Rev.^{ma}, porque entendia que as minhas estavam perdidas; pois a experiencia que tenho do favor que V. Rev.^{ma} me faz, não me deixava a menor suspeita de que V. Rev.^{ma} se cansasse em me responder.

Dou as graças a V. Rev.^{ma} pelo acollhimento que faz ao meu estudo, e pelo favor que este tem achado nos padres d'esse real mosteiro; e, ainda que, cá, tambem se fez algum caso da interpretação que eu dei áquellas letras, eu estimo, mais que tudo, a honra que se lhe faz em Alcobaça; e quero imprimir o papel que no certamen me premiaram, reduzido a tres partes:—a primeira, propondo a mais exacta descripção do calix; a segunda, dando explicação ás suas letras; a terceira, tirando do calix e das letras motivos para o louvor de Santo André Avellino (no que se viu que não foi fóra de proposito tratar d'aquelle calix na festa d'este Santo) ¹.

Para a primeira e segunda parte, me vall muito das cartas de V. Rev.^{ma} e tambem do seu livro; porém, para fazer uma obra em que se logre melhor o que tenho trabalhado, é-me preciso publicar em estampa o perfeito debuxo do mesmo calix; e, se eu não estivera occupado com a propositura d'esta casa, havia de ir a Alcobaça, a tirar este debuxo, o mais parecido que pudesse ser ao original; mas, como, por ora, não posso fazer esta jornada e quero imprimir depressa a dissertação,—é-me forçoso cansar de novo a V. Rev.^{ma}, e pedir-lhe que, se nessa terra ha quem debuxe por dinheiro, me mande fazer esse debuxo á minha custa, e me avise do gasto que tiver feito, para eu cá o satisfazer ao padre procurador geral, ou quem V. Rev.^{ma} ordenar; porque quero que na estampa que eu mandar abrir, vão todas as lindezas d'aquelle admiravel obra.

Para ella se poder lograr bem, me parece que será necessario pôr em um papel, primeiramente, o perfil do calix, e debuxar as duas partes da patena em

¹ Como já disse, D. Manoel Caetano de Sousa não realizou o pensamento de imprimir a sua memoria.

diferentes círculos, com suas letras e esculpturas; e, depois, o pé do calix, repartido nos seus seis passos; e será melhor cada sexta parte do círculo separada; e na mesma fôrma a columna e copo, de maneira que, quem vir a estampa, venha em perfeito conhecimento do calix.

E, por ora, peço a V. Rev.^{ma} que me mande logo dizer se os passos que estão no copo, ficam perpendicularmente sobre os que estão no pé, — *verbí gratia*, o *Ecce Homo* sobre o Horto, Pilatos lavando as mãos sobre o passo da prisão, etc., — ou se ficam encontrados; porque quero saber se as dições que estão aos pés das columnas do copo, ficam perpendiculares sobre as que estão na garganta da columna do calix, ou se correspondem aos arquinhos por que vão as letras no pé, entre passo e passo; porque me é esta noticia mui necessaria para confirmação do modo com que expliquei aquellas letras.

E tudo o que cá se disse sobre o calix e eu poder colher, mandarei a V. Rev.^{ma}, ainda antes que se imprima, porque não quero que espere os vagares da impressão, — ainda que os versos se estão trasladando a toda a pressa.

Fico ás ordens de V. Rev.^{ma}, a quem Deus guarde muitos annos, como desejo. Lisboa, 18 de Novembro de 1713. — [D. Manoel Cactano de Sousa].

No debuxo, desejo as pedras e esmaltes feitos das suas côres.

(Continúa).

JOSÉ PESSANHA.

Os castellos de Fraião e de Pena da Rainha

A comarca portugueza que se estendia entre os rios Minho e Lima, no meado do sec. XIII, estava dividida em sete julgados, cujas terras eram: Valladares, Pena da Rainha, Fraião, Cerveira, Caminha, Terra de S. Martinho ou da Ponte, e Valle de Vez.

Fraião e Pena da Rainha tomaram o nome dos respectivos castellos, esses dois famosos baluartes medievaes do Alto-Minho, de que hoje apenas resta confusa lembrança. Como os elementos que nos ministram as *Inquirições de 1258*, a *Eglezia de Tuy*, do Bispo Sandoval, as *Visitas dos Arcedios* em 1700, as *Relações parochiaes*, de 1758, etc., pudemos localizar aquelles antigos castellos.

Os nossos historiadores tem confundido o castello de Fraião com o da Pena da Rainha; é tempo de aclarar o assunto.

O castello de Fraião, Froilão ou Florian¹ assentava nos penhascos do planalto da serra da Bolhosa, na freguesia de Boivão, nos limites dos actuaes concelhos de Coura, Valença e Monsão; o julgado de Fraião

¹ Tambem lhe chamavam — castello de Fernã: *Arch. Port.*, II, 311.

corresponde aos concelhos de Coura e Valença, e as suas justças alli funcionavam ainda no reinado de D. Sebastião, sendo a residencia do *tesente* ou rico-homem.

A terra de Fraião foi doada por D. João I, em 2 de Janeiro de 1399, a Fernão Annes de Lima, e o seu senhorio persistiu nos seus descendentes, viscondes de Villa Nova de Cerveira e marqueses de Ponte de Lima, sendo o último marquês quem vendeu estes direitos a Manoel Rodrigues Barreiros Troncho, Manoel Correia de Pinho e outros, de Lisboa, mas quando elles pretenderam tomar posse, ha annos, os povos circumvizinhos amotinaram-se, embargando-lhes o passo, com o fundamento de prescripção. E assim tem continuado no gôzo d'esses extensos montados ou baldios.

Já no tempo de D. Affonso III se chamava *Forna* ao Castello de Fraião, como se vê nas *Inquirições*¹.

As ruínas do castello ainda existiam no fim do sec. XVII, porém no seculo passado os vendavaes e os donos das propriedades proximas não deixaram pedra sobre pedra.

Os pastores indicam ao viajante curioso o alto da Forna, como lugar onde houve um castello, avocando para aqui a lenda da Rainha prisioneira, que pertence ao fronteiro castello da Pena da Rainha, que d'aqui dista um kilometro.

No *Minho Pittoresco*, do Dr. José Augusto Vieira, e no *Diccionario Chorographico*, de José Avelino de Almeida, encontram-se bellos artigos sobre a *Forna* ou castello de Fraião, apresentando aquelle magnifico livro um bello desenho dos penhascos do castello.

O castello da Pena da Rainha ficava no cimo do monte de S. Martinho, na freguesia de Abbedim; *pena* tem a synonymia de *penha*, e chamam ainda hoje á ermida que permanece proximo—*S. Martinho da Pena ou da Penha*—, como lemos em Sandoval, e n-*O Arch. Port.*, II, 63.

Era, como o de Fraião, cabeça da terra do seu nome, correspondendo o seu julgado ao actual concelho de Monsão.

Os muros da sua alta vigia, grande torre roqueira, talvez a fallada *Penagueda*, foram mandados demolir no sec. XV por um abbade d'esta freguesia, e os restos da casaria adjunta e muralhas desapareceram

¹ *Portugaliae Monumenta Historica*, «Inquisitiones», I, 382.

completamente nos sec. XVII e XVIII; mas o pinaculo da montanha é apontado como residencia, appellidando-o o povo — *Castello da Rainha* —, como vimos nas *Visitas dos Arcediagos*, já atrás citadas.

Na rocha de granito restam abertos a pico os degraus de serventia da fortaleza; as suas grutas são mais amplas e mais curiosas que as de Fraião.

Sobre estas antiguidades deve-se ler *O Arch. Port.*, I, 142 e 143.

L. FIGUEIREDO DA GUERRA.

Gimonde

Ruínas. — Um marco millario

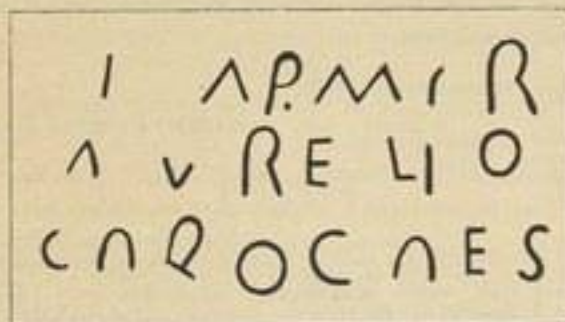
Gimonde é uma pequena aldeia a 6 kilometros a nordeste de Bragança, situada na margem esquerda do Sabor, no ponto aonde se reúnem, para logo entrarem nelle, as linhas de agua, suas affluentes, das ribeiras de Contencio e Malar e do rio Igrejas, que tornam este local uma estancia muito aprazivel e pintoresca, realçando ainda mais a paisagem as suas duas pontes, notaveis uma pela sua construcção e antiguidade, a outra, feita ha poucos annos, quando se começou a estrada de Miranda, pela sua grandeza e solidez, que no genero é uma das melhores obras de arte que nos ultimos tempos se tem feito neste districto.

Desconhecida até agora, surge-nos hoje para a historia, apresentando dois monumentos importantes que attestam que no dominio romano tivera certa importancia.

Um d'esses monumentos são as ruínas de uma povoação morta, que se vêem no sítio do Arrabalde, em frente, na margem direita do Sabor, na volta que faz este rio, que bem lhe servia de fosso aquatico, defendendo-a, como obstaculo natural, por todos os lados, á excepção do sul, por onde estava separada do terreno adjacente por um profundo e amplo corte artificial a que chamam *cortadura*, que os ingenuos julgam ter sido feita para mudar a corrente do rio, e no qual, em correspondencia, e do lado poente, se notam ainda os vestigios dos encontros de uma ponte de pedra solta que a punham em communicação com a outra margem. Neste sítio observam-se em abundancia restos de muros de fortificação, de fragmentos de lousa, ceramica, tijolo, telha de rebordo e mós manuais, tanto na parte mais elevada como na mais plana, limitada pelo rio, mostrando ter sido um povoado de certa consideração que viveu sob a protecção de um deus, cujo altar se erguia talvez aonde se vê hoje a velha e arruinada capella de S. Sebastião,

que lhe fica fronteira, a norte, na margem esquerda do Sabor, cujas aguas, nas enchentes e estações invernosas, costumam attingi-la.

O outro é um cippo cylindrico de cantaria grosseira, que está no Museu de Bragança, e que tem de altura 1^m,47 e de diametro 0^m,39, que encontrei ainda ha pouco na povoação por informações do meu illustrado amigo P.^o Francisco Manoel Alves, abbade de Baçal, que francamente m'o indigitou sem ainda o conhecer e que tem esta inscripção que reduzida vae copiada com a maior fidelidade.



Algumas letras estão já bastante apagadas e a sua grandeza é muito variavel regulando por 0^m,12.

Sobre elle disse-me o sabio berlinês Dr. Emilio Hübner:

«O miliario de Gimonde diz sem dúbida.

IMP · MAR
AVRELIO
CARO CAES

Imp(eratore) Mar(co) Aurelio Caro Caes(are).

Miliarios do Imperador Caro, de cêrca de 282 e 283 p. C., não são raros nas provincias do norte da Peninsula, como os de seus filhos Carino e Numariano. Pertence, como V. advertiu muito bem, a uma das estradas de Chaves a Astorga».

Tinha sido encontrado pelo possuidor ha mais de 20 annos enterrado no sítio da Cruz do Marrão, a 800 metros proximamente a nordeste do Gimonde, junto do caminho velho, dito antiga estrada real, que vae para Babe e que ladeia toda aquella encosta a que chamam Marrão,

denominação que lhe deve provir d'este marco, por isso que aquelle nome quer dizer «grande marco» ou «grande marra».

Foi portanto outr'ora esta povoação uma estação da via militar de Braga a Astorga, que passava por Chaves, e da qual trata o itinerario de Antonino. O que espero ver mais confirmado ainda por investigações que desejo fazer, se as minhas occupações profissionais m'o permittem, nos outros pontos por onde também presumo que passasse a referida estrada, esclarecendo completamente este assunto que tem preoccupado a attenção de illustrados autores, que a meu ver muito se tem enganado no seu traçado como o vão demonstrando as recentes descobertas archeologicas.

Bragança, Dezembro de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

«Illustre documento da inconstancia das cousas humanas, para que não sonhemos que somos immortaes, inganados de esperanças vãs, pois cidades nobilissimas fenecem, e nem rasto fica d'ellas».

FR. AMADEO ABRAIL, *Dialogos*, ed. de 1604, fls. 114.

Analecta epigraphica lusitano-romana

1. Inscripções da Quinta da Insoa

Nas ferias grandes de 1896 passei pela deliciosa quinta da Insoa, em Castendo (Beira-Alta), pertencente ao Sr. Manoel de Albuquerque, e ali examinei tres lapides com inscripções romanas, que passo a copiar:

1.^a

TIRO G...LLIF
AN XIII II S E
DRPSTT L

Numa lapide rectangular de granito, de 0^m,87 de comprimento, e, pouco mais ou menos, de 0^m,51 de largura (não dou a medida exacta

da altura, por estar enterrada a pedra, e não valer a pena desenterrá-la). Altura das letras 0^m,085. Boa calligraphia, que indica o sec. I.

Na 1.^a linha, depois do G falta um A, por a pedra estar gasta; pelo mesmo motivo o H inferior está quebrado, e só d'elle se vê metade. Não falta mais letra nenhuma na inscrição, cujo texto é: *Tiro, G[ai]li f(ilius), an(norum) XIII, h(ic) s(itus) e(st). D(ie), r(ego), p(racteriens): s(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

Tradução:

Tirão, filho de Gallo, de 13 annos de idade, está aqui sepultado. Tu que passas, dize, eu t'o peço: Seja-te a terra leve.

Esta inscrição foi já publicada várias vezes, e por último no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 415, mas ha uma pequena differença, pois figura-se ali na 2.^a linha, entre o numero XIII e o H incompleto seguinte, uma falha que não existe. Por tanto entendi dever fazer esta nova edição: o texto fica exacto agora.

Segundo me informa o Sr. Manoel de Albuquerque, a inscrição foi achada na vinha da Coutada, dentro da quinta da Insoa.

2.^a

D M S RVFO LVCI A LX
AMOENÆ SEVERI AN IV
PLACIDÆ CALVI AN XXX
FIRMINÆ FIRMI A XXXX
LVCIVS..... S....ESFC

Numa lapide rectangular de granito, de 1^m,06 de comprido, e de 0^m,49 de largura. O campo occupado pela inscrição é de 0^m,86 × 0^m,32. Altura das letras 0^m,06. Estas não são tão apuradas como as da inscrição precedente.

Linha 1.^a A haste horizontal do L de LVCI está bastante apagada, por isso alguém leu FVCI.

Linha 2.^a A última letra está também bastante apagada, mas creio ser V.

Linha 5.^a Havia várias letras que não pude ler, por estarem muito apagadas. Pareceu-me distinguir:e.....ieu Sra. Só porém é certo o S.

Entre muitas palavras faltam já os respectivos pontos.

Transcrição:

*D(iis) M(anibus) S(acrum). Rufo Luci(i?) filio a(nnorum) LX;
Amoenae, S(everi filiae), an(norum) IV; Placidae Calvi (filiae), an(norum) XXX; Firminae, Firmi (filiae), a(nnorum) XXXX. Lucius
s...es f(aciendum) c(uravit) ou c(uraverunt).*

Tradução:

*Consagração aos Deuses Manes. A Rufo, filho de Lucio (?), de 60
annos; a Amena, filha de Severo, de 4 annos; a Placida, filha de Calvo,
de 30 annos; a Firmina, filha de Firmo, de 40 annos. Lucio
mandou ou mandaram fazer (este monumento).*

Como se vê, a sepultura, só por si era quasi um cemiterio!

Esta inscripção foi já publicada várias vezes, e por último no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 423, mas o texto que eu dou differe do já conhecido. — Exceptuando a 5.^a linha e o L de LVCI (?), o resto é perfeitamente legível. O sr. Hübner propõe dubitativamente que depois da 1.^a palavra da 5.^a linha se subentendem *et Rufinus heredes*; mas não cabiam tantas lettras.

Quanto á proveniência, é a mesma da inscripção precedente, segundo o Sr. Manoel de Albuquerque; mas no *Corpus* diz-se que a pedra foi achada junto do castello de Penalva.

3.^a



Depois que regresssei a Lisboa, verifiquei que a inscripção já estava incluída no *Corp. Inscr. Lat.*, 421, para onde passou do *Elucidario*

de Viterbo, e da collecção epigraphica de Levy Maria Jordão. Este texto é mais acabado que o meu, e diz assim:

D · M · S
 PROCILI
 AII · LIBIIR
 TAII · RVST
 AN · L · ST
 Q · M · PRO
 CIVIAII · PA

.....

Quando eu voltar á Insoa, verei se com a ajuda d'este texto posso supprimir as dúvidas que ainda pesam sobre a inscripção, que, por estar muito gasta, não pude ler tão bem como Viterbo a leu ha mais de cem annos.

Em todo o caso, ali fica a figura do monumento, que é curiosa, e que não foi dada por nenhum dos que haviam publicado a inscripção.

Altura da pedra 0^m,74; maior largura 0^m,455. Altura das letras 0^m,06. Na parte superior uma cara toscamente insculpida.

Segundo o Sr. Manoel de Albuquerque, a pedra foi achada na Insoa; mas não se diz o mesmo no *Corpus*, ibidem.

4.^a

Posteriormente á minha estada na Insoa escreveu-me o Sr. Manoel de Albuquerque, e disse-me que tinha ainda outra inscripção, cujo texto é:

RVFO · FVSCI · F · A
 NNORVM · XXV
 FVSCVS · ALBINI
 F · FILIO · SVO · IIT · SIBI

Numa estela rectangular de granito, cujo comprimento é de 0^m,50 e cuja largura é de 0^m,34. Dimensões do campo da inscripção: 0^m,36 × 0^m,22. Altura das letras 0^m,04.

Transcripção:

Rufo, Fusci f(ilius), annorum XXV: Fuscus, Albini f(ilius), filio suo et sibi.

Tradução:

A Rufo, filho de Fusco, de 25 annos; Fusco, filho de Albino, fez este monumento para seu querido filho e para si.

A inscripção foi como as outras já publicada várias vezes, e ultimamente no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 422, mas o texto que dou é mais exacto que o já conhecido, pois na 4.^a linha d'este, antes de FILIO, falta F.

Parece que esta inscripção provém de junto da residencia dos abba-des de Penalva do Castello.

A existencia d'estas quatro inscripções prova pelo seu lado que a influencia romana se fez sentir naquelle rincão da Beira-Alta em que assenta Castendo e Penalva do Castello.

Na cêrca da casa do meu bom amigo o Sr. Dr. Bernardo de Magalhães Coutinho, em Castendo, appareceram varios fragmentos de tegulas; de Esmolfe trouxe eu uma inscripção latina consagrada a um deus barbaro, como disse n-*O Arch. Port.*, III, 109; em outras terras vizinhas adquiri poudera de barros. Todos estes factos se completam uns aos outros.

Se agora accrescentar que na mesma região existem castros, e pelo campo se tem encontrado instrumentos neolithicos e outros de cobre ou bronze, o que tudo obtive, — chegámos a conclusão, que para grande número de concelhos de Portugal se pôde tirar, de que no de Penalva do Castello, ou de Castendo, que é a mesma cousa, se manifestam vestigios da civilização prehistorica, protohistorica e romana. Incidentalmente notarei que no nome de *Penalva*, que se decompõe em *Pena-alva*, entra o elemento PENA, que significa o mesmo que «penha»; quanto a *Castendo*, este nome é o latim CASTANETVM, que se transformou primeiro em **Castêdo*, e successivamente em **Castêdo*, *Castendo*.

Ao terminar esta nota, agradeço ao Sr. Manoel de Albuquerque, e ao Sr. Antonio Ferreira Vianna, ao primeiro os esclarecimentos que me deu por cartas, e ao segundo a lhaneza com que, na ausencia do Sr. Albuquerque, dono da quinta, me permittiu que eu entrasse nella e estudasse as tres primeiras lapides. Da 4.^a lapide só tive conhecimento, como disse, depois do meu regresso á capital.

2. Marcas sigillinas

No Museu particular do meu amigo o Sr. Dr. Teixeira de Aragão existem varios objectos de barro, romanos, do Algarve, com marcas que aquelle Sr. me permittiu copiar. Ei-las:

1.^a

Deve evidentemente interpretar-se por ALEXAN(*dri*). Numa lucerna.

2.^a

Isto é: *ex of(ficina) Lucan(i)*. Noutra lucerna.

3.^a

Noutra lucerna: B

4.^a

FIG-GEM
ELLIAN....

Isto é: *fig(lina) Gemellian(i)*. Numa asa de amphora, proveniente da Torre d'Ares.

J. L. DE V.

Picote (Miranda-do-Douro)

Ha mais de um anno que o meu amigo José Antonio Fernandes de Carvalho, Rev.^{do} Reitor de Picote (Miranda-do-Douro) me enviou para o Museu de Bragança cinco lindas lapides funerarias romanas de marmore manchado, cujos desenhos tirados na escala de $\frac{1}{8}$ (os quatro primeiros) e na de $\frac{1}{3}$ (o ultimo), são os seguintes:





Já anteriormente o mesmo Sr. me havia mandado, com identico destino, algumas moedas de bronze romanas e uns pequenos objectos de cobre muito curiosos de que desconheço ainda a serventia, tudo encontrado no termo da mesma povoação.

Estes achados despertaram-me o desejo de ir visitar o lugar, que me parece ser muito importante archeologicamente, e ali pessoalmente colhêr todas as informações que pudessem esclarecer o seu passado. Como me não tenha sido possível realizar tal digressão, nem veja probabilidades de a fazer tão depressa, resolvi publicar os monumentos epigraphicos, chamando a attenção do leitor para o que a respeito d'esta aldeia diz *O Arch. Port.*, vol. I, pags. 11-12.

Bragança, Julho 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

**Auto d'uma posse do Castello de Noudar
e inventario do que lá existia no seculo XVI**

«Auto da posse da entrega da fortelleza de Noudar que foe entregue ha Luis dAmtas per Afonso Sueyro contador do mestrado dAvys.

Anno do nacymento de nosso senhor Jhu X.^o de mjl b^o xlvj (1516) annos a tres dias do mes de Junho em ha vylla de Noudar em ha fortelleza da dyta vylla estando hy Afonso Sueyro contador do mestrado dAvys pollo muyto excellenty Senhor ho Mestre de Santyago he dAvys duque de Coymbra etc. nosso senhor ho qual contador hera vyndo ha dyta vylla pera auer de dar ha posse e entrega da dyta fortelleza e alcaydarya mor da dyta vylla ha llujz dAmtas fydalgo da casa do dyto senhor he cavaleiro da dyta hordem dAvys he llogo per ho dyto Lujs dAmtas que presentj estava foe rrequerydo da partj do dyto senhor ao dyto contador que lhe desse ha entrega he posse da dyta fortelleza e alcaydarya de que ora ho dyto senhor lhe tynha feito mercee he o tynha ora novamentj provydo por estar vaga per mortj de llopalvarex de Moura que della foe hultymo possyodor (sic) per vertude de hũa carta do dyto senhor que ja lhe tynha hapresentada he vysto ho dyto contador seu rrequerimento havendo respecto ha dyta carta da mercee que lhe ja tynha hapresentada pedyo as chaves da dyta fortelleza ha rruy fernandez que as hora tynha da maõ dAfonso Vaz almoxarife he feitor por ho dito senhor em ha dyta vylla he cõ as dytas chaves sse foe ha torre da menajem e a fez despejar de toda gentj he meteo ho dyto Lujs dAmtas em ha dyta torre he lhe dysse que çarrasse has portas sobre sy como de feito as çarrou e fycou soo dentro he de fora lhe fez pergunta ho dyto contador sse estava em sua lyberdade e elle respondeo que ssy e emtam lhe dysse que as habrysse he çarrasse sobre ssy como de feito as habryo e çarrou dizendo ho dito contador que per vertude da dyta carta hobedeçemdo haos mandados do dito Senhor ho avya por entregue da dyta menajem he do alto he do bayxo da dyta fortelleza he que lhe rrequerya e encomendava da parte do dyto Senhor que a defendesse dos enfyees e ally lhe entregou ha chave da dyta menajem he dally se deçeeo cõ ho dyto alcaide mor ao pateo do dyto castello correndo primeiramentj todo ho muro he cobellos delle e ha porta da dyta fortelleza fez ontra tal dyllygencya dizendo que o avya por entregue da dyta forteleza do alto he do baxo della he da dyta alcaydarya mor cõ todos seus direitos he pertenças que per direito lhe pertencem segundo se contem na carta da merce do dyto senhor

e ally lhe entregou todallas chaves da dyta fortelleza cõ todallas cousas que nella forã hachadas he lhe requereo da partj do dyto senhor que elle trouuesse ha dita fortelleza he cousas della melhoradas he nã pe-joradas sendo certo que perdendosse ha sua mingoa que se refara per sua fazenda he de seus herdeiros e o dyto Luis Dantas se ouue por em posse da dyta fortelleza he cousas della na maneyra que abaxo vae declarado e mandou ho dyto contador que com ho theor deste auto lhe fosse dado hũ estromento publico pera sua guarda. Testemunhas Luis Gonçalvez morador em Vallença he o dyto Ruy Fernandez morador em Moura he Bastiã Pirez morador em termo da dita vylla e outros e eu frey Nuno prior da dita vylla que per requerimento do dyto contador he por serviço do dyto Senhor estj auto escrepvy por ho tabelliam nã ser na terra nã outra persoa que o podese fazer he pera maes fyrmeza della foe hassynado por ho dyto contador e alcaide mor e testemunhas.—*Luis dantas*—*Afonso Soeyro*—*Ruy Fernandez*—*Bastiã Pirez* (uma cruz)—*Pero Afonso*.

E dada asy a dita posse como dito he o dito contador proveo sobre as cousas que estauã na dita forteleza pera averẽ de ser entregues ao dito alcaide moor e o que per elle foy achado he esto que se ao diante segue:

it. na torre da menagem em cima antre as ameas hũua cãpãa que serve cõ as vellas.

it. a casa que estaa em cima de todo da dita torre estaa derribada e no chão e toda agoa que nela cay cala a torre e vay abayxo.

it. a cisterna que estaa na dita torre cõ seu bocall ajuda hẽ corrigido e a cisterna cõ agoa.

it. vindo pera bayxo da dita torre hũ portado que say da serventya da torre pera cisterna da dita torre cõ duas portas cõ duas armelas e sem ferrolho nem fechadura e hũa delas tem a conceyra quebrada.

it. logo jũto cõ a dyta porta huã grade de pao cõ que se fecha a serventya da dita torre.

it. abayxo desta aboboda onde estaa a cisterna outra casa daboboda em que estam estas cousas que se seguem, na quall aboboda estaa hũ portado que caie no andar do muro cõ hũas portas já velhas chapadas e cintadas de ferro cõ seu cadeado e chaue.

it. dentro na dita aboboda tres lagartixas de metal ãcayxadas em suas coronhas.

it. sete espingardas ãcayxadas em suas coronhas.

it. mays treze espingardas sem coronhas.

it. hũ paño de salitre cõ dous pedaços e hũa pouca de polvera em huũ barrill velho.

it. sete armaduras de cabeças muito antigas e muito velhas e quebradas.

it. hũa faldra e goçetes de malha grossa muito ferrugenta e casy podre.

it. outros boçetes da mesma sorte e ferrugentos.

it. hũ alpartaz (?) de malha muito ferrugenta e podre.

it. hũ matalote velho quebrado, em que jaz ysto que se segue .s. xbiij pelouros despingardas de chunbo.

it. *seys pelouros de pedra* de bombardas.

it. duas camaras de bombardas grandes.

it. outra camara de bombardas grossa.

it. outras tres camaras de bombardas grosas mayx pequenas hũ pouco.

it. mayx ix camaras de bombardas mayx pequenas.

it. sete gornjçoes de ferro cõ que se arrecadã as bombardas nas coronhas.

it. outra camara pequena de ferro.

it. dous carnequins darnar beesta forte.

it. quatro ferros de chuças.

it. hũa beesta daço cõ seus armatostes.

it. hũa coronha de beesta.

it. hũa darga velha toda acuitelada.

it. dous cantaros de cobre.

it. hũa porta velha que parese de janela.

it. hũ pote pequeno quebrado.

it. outro pote pequeno de ter azeyte.

it. hũ louceyro velho.

it. coxote velho de duas peças.

it. hũa *trêpem*. it. hũa fateyxa de ferro.

it. hũ martelo de bonbardeiro.

it. sejs ellos de fferro. it. hũ barão do tronco.

it. quatro machos.

it. vindo da dita torre pela seruyntya do muro, hũ portado peras casas novas que se fizerã junto cõ ha dita torre e no dito portado duas portas novas de madeira dazinho que tem ferrolho sem fechadura. E nesta primeira casa que serue de camara duas janelas cõ suas portas sã aldrabas, he no outro portado que say pera sala que auja de ser hũas portas da dita sorte que tem ferrolho e fechadura sem chave e esta casa está madeyrada e telhada de novo e mal rrepayrada do te-

lhado. It. na dita casa hũa trepeça de paaõ de gujnee quebrada de hũ cabo e dous bancos velhos e hũ taypal velho tudo en hũa barra, e hũa porta velha e tres paaõs pequenos que parecẽ fornaxinos que saj pera casa que estaa por cobrir. It. outra porta velha em que estaa hũa banca.

it. da dita camara se faz hũa serujntya per hũa escada de maõ cõ hũa porta dalça poem pera hũ sotão debayxo da dita camara em o qual sotão estam estas cousas que se seguẽ: it. hũ tronco de paaõ. it. hũ pote sem fundo. it. hũ quarto de paaõ desfundado de hũa parte. it. outro pote pequeno de ter vinho. it. duas portas velhas e no portado do dito sotão que saj pera o pateo do castello hũas portas novas sem ferrolho nem fechadura.

it. outra guorniça de ferro grande de bombardas.

it. outra casa que começará pera salla que nõ tem senã as paredes e nã ajnda acabadas. it. dentro na dita casa hũ pote grande de ter vinho que levara R^{ta} (40) almudea.

it. nabobeda da torre da menagem mays debayxo hũas portas novas cõ armelas sem cadeado nem ferrolho. it. duas portas arrezoadas. it. hũa tauoa e hũa couceyra dazinho. it. oytto bombardas antre grandes e pequenas as tres sem coronhas e as outras cõ coronhas velhas.

it. as portas da fortaleza já velhas cõ seu ferrolho muito grose de dentro e sua fechadura e chause e seu batente de fora.

it. xxxiiij virotes que forã laurados pera o corpo da salla. it. dous quadraes.

it. duas linhas pera salla. it. mays dous virotes da sorte dos de cima.

it. mays trinta e cinco fornaxinhos pera salla.

it. no andar do muro o cubelo que se chama dos namorados todo descuberto e as paredes pera cayr.

it. o outro cubelo de deante em que dormem as velas cuberto mas estaa pera cayr.

it. o outro cubelo de diante todo derribado.

it. todallas outras casas do dito castello todas derribadas e sem telhados sõmente hũa que estaa a entrada do castelo que ora serve destrebarja meya cuberta de telha e meya de cortiça bem mal trepayrada e todallas outras descubertas soamente duas delas que cada huũa tem sua penca de telha em cima que se podem dizer pardeeyros e nam casas.

it. em todallas outras portas da villa nõ ha hy nenhũas portas senã hũa so porta quebrada que jaz no chãõ.

it. huũ caldeyrão de cobre grande e boõ cõ duas asaas.

it. outro caldeyrão pequena de cobre sem asaas e muito quebrado.

it. a porta de Pero Gomez huña talha grande nova e boa e tem duas fendas.

it. e dentro em sua casa outro pote pequeno que leuara cinco ou bj almudes.

it. huña banca de quatro pees. it. dous mancays de ferro de Jugar,

it. huña arca velha sem fundo e sem tampa que estaa em casa de Acenço Gonçalvez que tem dentro estas cousas .s. huña bygorna de ferro. It. quatro estribos pequenos velhos.

it. hũa segurelha datafona.

it. hũ pedaço de cobre muito velho que foy de caldeyrão.

it. hũ ferrolho grande e grosso cõ sua fechadura que foy da porta da uyla sem chaue.

it. hũ castiçall pequeno velho de Fusleyra (?).

it. huña crestadoyra de ferro grande e comprida.

it. hũ cantaro de cobre velho.

it. hũ bacio cõ sua capela em cima e suas cadeyas que serue na lampada da jgreja.

it. dous potes pequenos .s. hũ de ter vinho que leuara bj almudes e outro mays pequeno quebrado.

it. outro pote de ter vinho que leuara bij almudes.

it. huña rroda .s. o aroo de fiar sem o banco.

As quaes cousas acima escriptas que foram achadas na dita fortaleza e na dita villa todas foram entregues ao dito Luis Damtas alcayde moor em sua pessoa per vertude de huñ alvara do mestre noso senhor per que sua Senhoria mandou que lhe fosem entregues e por certeza dello o dito alcayde moor asynou aqui. Testemunhas que foram presentes frey Nuno prior da dita villa perante quem se fez o dito inventayro, o quall assignou aqui cõ o dito alcayde moor e Pero Gomez — Luis dantas = Frey Nuno Camello prior¹.

«Yo Alfonso Sanches² de Vera escribano de la mucho neble cibdad de Seujslla vi vna carta delRey don Donis de Portugal en que Rogaua a don Pedro de Vallascos e a los Regidores de Seujslla que le mandasen dar vna certidã de las cosas de Nodar e se pagaua al arçobispo alguno diezmo o alRey alguno terçio y elles me mñdarõ que le bus-

¹ Archivo Nacional — Ordem de Aviz, maio 1.º

² Em antigo castelhano e em gallego muitas vezes os patronymicos erão escriptos sem s no final, como é de uso geral hoje naquellas linguas, e se pretende reintroduzir em portuguez.

case esto e yo fue a casa del secreto e halle ay vn lybro forrado de vn cuero Roxo lo que se syge:

it. Nodar es de la orden de Çistel e nõ paga terçio al Rey ni al arçobispo dyzmo por que de todo hes franco por ser tierra de la yglesia e los que biuē en la tierra de Nodar todos pagā diezmo e Raçion y ervaje y trebutos al señorío de Nodar e todas otras comedias syn Seuilla tener otro diezmo saluo quando vā a las guerras de los moros ha de servir con ella o otras cosas semejantes a este caso e el termino de Nodar es entre Mortigo y Ardila e llena los Rios açima e de una parte va Mora e de la otra Morō y asy va partiendo cō Aroche y Enzina Sola e de la otra parte cō Valençia de Mōbuey e cō Olyu.² e cō Xerez de Badajos.

E esto hallado en lo lybro me mōdo don Pedro de Vallascos asistente de la mucho noble çibdad de Seuilla que lo dyese ya publico a un Pedro Nunez vasallo del Rey don Donys de Portugal yo lo de asy en la çibdad de Seuilla a veynte e çinco dias de abril de la hera de nuestro señor Jhu xpo de myll e trezientos e cinco ãnos. Alvaro Sanches de Vera escribano publico de la noble çibdad de Seuilla lo fez escrevir segund que ante mī paso ¹.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

O Paço ducal de Barcellos

Sobranceiro á ponte de rio Cávado existe na villa de Barcellos um velho edificio de cantaria, cujas ruínas denunciavam ter sido alcaçar solarengo; com effeito são estes os restos da célebre vivenda do último Conde de Barcellos e dos primeiros Duques de Bragança.

Ainda se erguem de pé as paredes de silharia com portas ogivaeas e janellas quadradas; o tubo da chaminé resta quasi intacto, apesar da sua altura.

¹ Archivo Nacional—Ordem de Aviz, maço 3.º, 1.º pacote. [Juntei aqui a cópia d'este documento por ser interessante para a historia do castello de Noudar, vendido ha poucos annos pelo Ministerio da Guerra a um distincto cavalheiro hespanhol. O proprietario do castello conserva com o devido cuidado uma inscripção portugueza, na qual se dá conta da fundação da fortaleza referida. No livro das *Fortalezas do Reino*, que tem por autor Duarte de Armas, vem as plantas de Noudar, tiradas no tempo em que Lopo Alvares de Moura, o antecessor de Luiz Dantas, era Alcaide Mór].

A planta não é espaçosa, e apenas se compõe de tres divisões, voltadas ao sul, medindo a fachada do norte uns 20 metros.

Os telhados ha muitos annos que lhe caíram.

Havia um passadiço para a torre da igreja matriz, onde estava a collegiada. Este palacio foi mandado edificar por D. Affonso, filho bastardo de el-rei D. João I, nono conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança, nomeado por mercê de seu sobrinho no anno de 1442.

O conde D. Affonso, casando em 1401 com D. Brites Pereira, filha do condestavel Nun'Alvares, recebeu d'este em dote o condado barcellense, e em 1410 teve a doação dos padroados do Neiva, Aguiar de Neiva, Faria, Duque, Vermoim, etc.; falleceu em Chaves no anno de 1471, havendo casado segunda vez com D. Constançia de Noronha; do primeiro matrimonio teve tres filhos.



D. Affonso acompanhou seu pai á tomada de Ceuta, trazendo de lá como despojos umas columnas de alabastro do alcacer de Çala-ben-Çala, e varios marmores das melhores portas e janellas da cidade para ornar os seus palacios de Portugal: uma das ditas janellas foi extrahida completa por causa de seus excellentes labores que enviou para este seu Paço de Barcellos, bem como os melhores fustes mouriscos.

Sabemos tambem que o mesmo duque trouxe o tecto dourado da camara do Alcaide, trabalhado em calambuco ou aloé, e duas mesas, uma para seu serviço, e outra que offereceu á ermida de Nossa Senhora da Franqueira, para altar-mór.

Vê-se, pois, que este palacio andava em construcção ao tempo da conquista de Ceuta em 1415; bem prova a sua architectura ser edificação do seculo XV.

O segundo Duque D. Fernando viveu alguns annos neste solar, porém os seus descendentes o abandonaram pelo de S. Christovão de Lisboa, e de Villa Viçosa, fundado em 1501.

Desde o terramoto que a residencia de Barcellos jaz erma e reduzida a monumento patente da incuria nacional. Dos columnellos arabes e janella marroquina ha muito que não restam vestígios, e cremos hajam sido applicados num palacio da capital.

Sobre umas das portas meridionaes consta estar collocada a estatua de um cavalleiro, mas esculpturada no seculo passado, segundo as averiguações; ao pé numa lapide lia-se a inscripção consagrada á Immaculada Virgem Maria por D. João IV.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

277. Lisboa (Extremadura)

Antiguidades romanas. — Inscripções latinas e portuguezas

Freguesia de Santa Maria Magdalena. — «Tinha esta freguezia tres mil e setecentas pessoas de sacramento em outocentos fogos nas ruas seguintes: Rua da Corrieiria, Rua do Terreiro de Martines: neste sitio desmanchandose á poucos annos as cazas chamadas da Merciaria quazi á flor da Terra se acharão varias antiguidades e inscripções Romanas em que se mostrava que em aquelle Lugar houvera hũ Temple dedicado a Cybelles May dos Deozes, o que consta das pedras que se puzerão na mesma Propriedade, e de outras que os officiaes meterão nos alicerces com muitas columnas e semalhas Romanas o que tudo mostra o Reverendo P.^o D. Thomas Caetano de Bem, Clerigo Regular em hũa obra que deo ao prello sobre esta materia. O que bem mostra ser este o sitio honde os Sanctos Martires de Lisboa forão martirizados.

Tãobem na Torre desta Igreja se achava hũa Pedra sepulchral a qual a ignorancia de hũa pessoa mandou cair quando em o ditto Lugar se poz hũa crux, e he a mesma de que falla Marinho nas Gran-

dezas de Lisboa, Liv. 3, ep. 5, f. 223. A rua das Pedras Negras: em esta no cunhal de hũa cazas que estavam defronte da Travessa que hia para a Fancaria de sima estava hũa inscripção romana que hera a basi de hũa Estatua que a Cidade de Lisboa levantou a Lucio Vero como traz Marinho nas Antiguidades de Lisboa, Liv. 3, ep. 25, fl. 278». (Tomo xx, fl. 819).

«Huma dellas (*das cruçadas*) e o mais antiga hera a do Hospital dos Palmeiros da Invocação de Nossa Senhora de Belem, hera Albercaria de pobres a quem davão cama, Agua e candeia por tres dias: chamavase dos Palmeiros por que nelle se recolhião os peregrinos que vinhão de Jerusalem aos quaes chamavão palmeiros por trazerem palmas (como os de São Tiago vieiras) fundou-se no anno de 1330¹ como constava de hũ Letreiro que estava no, porta do mesmo Hospital que dizia assim:

ESTE HOSPITAL HE DOS POBRES PALMEIROS
E PEREGRINOS E RESGATADOS DELLE, E DE OUTRO HOSPI-
TAL DE CASILHAS PERTO DE ALMADA OS HONRADOS
CONFRADES DESTA CIDADE DE LISBOA NA ERA DE 1330»

(Tomo xx, fl. 820).

Freguesia de S. Martinho. — «Entre a Capella de S. Francisco e o cunhal do Arco do coro esta hũ nicho que foi feito para confessorio no qual está hũa pedra que dá noticia da morte de hũ Prior desta Igreja em o Letreiro seguinte:

DECIMO TERCIO KALENDAS FEBRUARII HIERONYMUS
RAMIRUS HUIUS ECCLESIAE PRIORUS PRAEFECTUS OBIIT
ERA DE MIL E DUZENTOS E VINTE HUM

Daqui se colhe a antiguidade que tem o Priorado desta Igreja, pois da morte daquelle Prior athe o presente anno de 1760² em que faço esta declaração se contão 539 annos.

Tem alem da dita antiguidade que he authentica e se comprova com a segunda fundação desta Igreja feita no anno de 1634 por estar a primeira já muito arruinada e velha a regalia de ter sido capella

¹ Anno de Christo de 1292.

² Numero redondo.

real no anno de 1354 em que reinava El Rey D. Fernando que assistia no Paço do Conde João Fernandez Andeiro que hoje serve de habitação de prezos chamada Limoeiro.

Em 11 de Novembro de 1634 annos, dia de S. Martinho se lhe lançou a primeira pedra á sua Igreja a qual fez o Conde de Villa Nova D. Gregorio de Castel Branco á sua custa despois da Missa do dia o dito Conde e muitos parentes seus e o Prior da dita Igreja o Dr. Simão Torrezão Coelho Inquizidor que então era da Meza pequena levá-lo a dita pedra com muita festa e a lançá-lo em o fundamento do cunhal da Igreja sobre que está fabricado o Arco do Passadisso que hia das cazas do Conde para a tribuna (e não lhe deitá-lo ouro nem prata) está cuberta a dita pedra com outra a qual tem hum IHS aberto ao antigo e já servio de cuberta á pedra que se achou no fundamento da Igreja velha a qual foy feita em a era que se pode collegir de hũa pedra que se achou na sepultura do primeiro Prior.

Escreptura que esta em a pedra que se lançou á Igreja nova:

ANNO A XPO NATO M. D. C. XXX. IV.
SEDEXTE AD ECCLESIAE ROMANAE CLAVUM URBANO VII
P. M. IMPERANTE PHILIPPO, HISPANIARUM 4.^a et 3.^a HUIUS
NOMINIS LUSITANIAE REGE; ECCLESIAM ISTAM, DIVO
MARTINO TURONEN' EPISCOPO, ET PAUPERUM PATRI
DICATAM; TEMPORUM INJURIIS, JAM, AC VETUSTATE LABANTEM; AVITA PIETATE, ET REGIA MAGNIFICENTIA,
PROPRIIS IMPENSIS; ITERUM A PRIMIS, EREXIT FUNDAMENTIS; ET IN ELEGANTIOREM FACIEM, QUAM QUONDAM
HABUERAT RESTITUERE CURAVIT, D. D. GREGORIUS A
CASTEL BRANCO, COMES VILLA NOVAE SORTELLIAE, ET
GOESIAE DOM' DYMNASTA; REGHQUE CORPORIS CUSTOS
MAXIMUS: XI QUE NOVEMBRIS DIE, EIDEM SANCTISS'
PRAESULI, SACRO, PRIMO ISTUM LAPIDEM JECIT

(Tombo 52, f. 526).

278. Lohrigos (Beira)

Minas de ouro

«Tem nos Limites da freguesia de Santo Antonio de Alvacois huas minas junto ao mesmo Rio Corgo nas quaes se tem tirado ouro ha menos de sincoenta annos por ordem de Sua Magestade que Deos Guarde, e ha certeza que no mesmo sitio ha ainda ouro que se possa

tirar, principalmente em hum poço do mesmo rio chamado Pego Negro, por informação do mesmo Mineyro que tirou o das Minas». (Tomo XXI, fl. 1007).

279. Longa (Beira)

Fortaleza dos Mouros

«Perto da villa para a parte do Norte há hum monte bastante levantado no alto do qual se vê ainda hoje hum pedaço de muro, ou muralha fabricado de pedra miuda, e argamassa, ou bitume de admiravel segurança, tendo para a parte do Oriente huma porta de entrada, e no meyo do cabeça huma cadeira de pedra lavrada, que mostra ter servido de solio de julgador, ou magestade dominante, sendo o cabeça pelas outras partes inacessivel. Ha tradição que foy assento e fortaleza de Mouros. Chamasse o Muro o dito Monte». (Tomo XXI, fl. 1081).

280. Langroiva (Beira)

Minas de antimónio

«No destrito desta villa não ha serra que se faça especial menção porque tudo são fragnas e Cabeços de cujas pedras se podia fazer huma grande Cidade, e so no fundo de huma Ladeira aonde chamão o Pisco se abriu huma mina de pedra que parecia prata que para evitar a ambição e ruina dos ambiciozos foi preciso mandarse entupir por justiça que aviriguada a dita pedra se asentou pelos experimentados ser Antimonio, por cujo respeito ficaram sentidos os que della se tinham aproveitado. He todo este distrito abundante de Perdizes, Coelhoos e Lebres, livres para quem as quizer caçar, assim elles vieram ter a porta». (Tomo XXI, fl. 1110).

281. Loriga (Beira)

Penhas insculpidas. — Pedra sucralhada

«Está situada esta villa em o meio de sete cabessos, tres para a parte do nasente, chamados hum a Perna do Judeo, thomou este nome por ce achar huma perna de hum homem pintada ou esculpida em huma fraga do mesmo cabesso; outro chamado a Penha do Gato tem este nome por ce achar nelle algum dia a figura de hum gato esculpida; e outro chamado a Fermoza nam consta donde thomou

este nome. Tem dois para a parte do poente hum chamado a Penha de Aguiã, e outro a Cabeza de Castello tomou este nome do tempo dos mouros ainda houje se conserva nelle vestijos dos alicerces dos mouros. Tem outros dois para a parte do norte chamado o Cabeço de Sam Bento por nelle se achar huma Imagem do glorioso Sam Bento, e outro da parte do sul chamado a Pedra Incavalada por ter huma grande Pedra atravessada em o simo do dito cabeço». (Tomo XXI, fl. 1147).

282. Louredo (Beira)

A pegadinha de Nossa Senhora

«Nam tem couza digna de memoria mais do que em huas pedras ó (ou) fragas duras achar-se sahida hũa lasca do feitio de hũa soleta de sapato aonde se lhe poz hua crux de pedra, e as gentes de munto longe que pasão a venerão dizendo que nas suas terras lhe chamão a Pegadinha de Nosa Senhora». (Tomo XXI, fl. 1186).

283. Lousã (Beira)

Castello do tempo dos Mouros

«Tem hum Castello antigo do tempo dos Mouros onde se dis foi antigamente povoação. Está situada entre duas serras e no simo de hum despinhadeiro, que cahe para a ribeira de São João ainda se conserva direito, e com paredes fortes dista desta villa menos de meyo quarto de legoa». (Tomo XXI, fl. 1308).

284. Lafrel (Entre-Douro-e-Minho)

Tumulos

«Não ha memoria digna de credito de que florescessem ou sahisses desta freguezia homens por qualquer respeito insignes: sendo que algũ indicio de que algũ tempo os houve parece estão dando tres tumulos levantados da terra com cobertas de pedra tambem inteira lavrados em forma aguda por todo o seu comprimento, os quais se não achão por algũa outra destas vizinhanças. Em dous destes tumulos se divizão alguns vestijios de nome que se lhe abriu ao cizel, mas por que o tempo corrompeo as Letras não se pode já averiguar o que era nem na memoria dos homens ha tradição de quem fossem os sujeitos que nelles se sepultarão». (Tomo XXI, fl. 1337).

285. Lumiar¹ (Extremadura)

Inscrição portuguesa

« todos tres se acham sepultados na Capela da mesma Sancta em sepulturas separadas de pedra, e na parte de fora da mesma capella em huma das sepulturas se lê o seguinte Letreiro:

AQUI NESTAS TRES SEPULTURAS JAZEM
EMTERRADOS OS TRES CAVALEYROS IBERNIOS
QUE TROUXERAM A CABEÇA DA BEMAVEN-
TURADA SANCTA BRIGIDA VIRGEM NA-
TURAL DE IBERNIA, CUJA RELIQUA ES-
TÁ NESTA CAPELLA EM MEMORIA DA
QUAL OS OFFICIAES DA MEZA DA BEMA-
VENTURADA SANCTA MANDARAM FAZER
NO ANNO DE MIL DUZENTOS E OYTENTA E
TRES.

(Tomo XXI, fl. 1238).

286. Luz (Algarve)

Torre. — A cidade das Andas

Freguesia de Nossa Senhora da Luz, termo de Lagos. — «Junto a Igreja Parochial á parte do sul está huma torre muito antiga junto ao mar em cima de hum rochedo bacho, que servia de fazerem della vigia, sobindo por escada de corda para tocarem a rebate com hum sino que tinha; porque os mouros costumão antigamente fazer nesta dita praia desembarques em lanchas. Consta que por duas vezes rombarão as portas da Igreja, as quais se conservão ainda para memoria com os golpes de machados etc.» (Tomo XXI, fl. 1364).

Freguesia de Nossa Senhora da Luz, termo de Tavira. — «O qual Rio he feyto ex vi das Barras que se acham nestas duas terras referidas (*Tavira e Faro*), e por onde o dito rio tem seo curço ou carreyra ha noticia fora em algum tempo estrada publica para as sobreditas terras Faro e Tavira e outro sim tenho noticia que do sitio do Arroyo the ao porto da Pedra, lemites desta freguezia, que confinão com o dito Rio havia huma Cidade chamada a cidade de Antes, que vulgarmente hoje lhe chamão as Andas², que foy tomada

¹ Em latim apparece umas vezes *Luminare* outras *Limnare*.

² Na conquista do Algarve. *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», 417.

aos Mouros em tempo de Dom Payo Peres, da qual ainda hoje ha vestigios de pedrarias lavradas que se tem descoberto na cultura das fazendas de que se acha povoados os ditos dois Lemitos». (Tomo XXI, fl. 1369).

287. Luzellos (Tras-os-Montes)

Fonte Benta. — Minas de estanho

«Ha nesta terra trez fontes de Agua comua e nenhuma de especial virtude medicinal; e somente perto della junto ao lugar de Misquel em distancia de hum coarto de legoa deste lugar para o Poente se acha huma fonte, que o vulgo chama Fonte Benta, corrupto vocabulo de Fonte Benta, por haver tradição ter sido benta pello veneravel Senhor Dom Frei Bartholemeu dos Martires, Arcebispo que foi de Braga, que tem virtude para curar os minimos enganidos, ou entrevados que sendo lavados nas suas aguas ou morrem ou saram logo». (Tomo XXI, fl. 1383).

«Ha neste lugar minas de estanho fino, que se abriram ha muitos annos e ouve nelle fabrica de estanho em humas casas que se acham situadas no Lugar já arruinadas, e as minas fechadas». (Tomo XXI, fl. 1384).

288. Macedos-dos-Cavalleiros (Tras-os-Montes)

Chave de S. Pedro

«..... somente haver aqui huma chave da igreja do Senhor San Pedro que ferrando os animais e algumas criaturas nam se danam em qualquer parte do corpo com a dita chave quente». (Tomo XXII, fl. 62).

289. Machede (Alemtejo)

Freguesia de S. Miguel. — Ruinas de um convento. — Inscrições christãs

«No adro desta Parochia defronte da Porta principal com pouca distancia se achava no remate de hum Pilar de pedra marmore a Imagem de Christo Senhor Nosso em huma Cruz da mesma Pedra á forma e semelhança das Benedictinas com a qual tomorão tanta fé os moradores desta aldeia na occasião do Terremoto que houve no anno de 1755 (porque chegandose muitos delles ao sobredito Pilar o acharão firme e immovel, quando as paredes de todas as cazas e da Igreja parecião arencarse a impulsos de violencia do ditto Terremoto) que concorrendo todos com as suas esmolas se lhe fez hum

nicho á roda por modo de Cappelinha mas sem altar aonde; e ainda sobre o mesmo Pilar se conserua com grande veneração das gentes que pello sobredito motivo lhe derão o titulo do Senhor dos Affitos». (Tomo XXII, fl. 88).

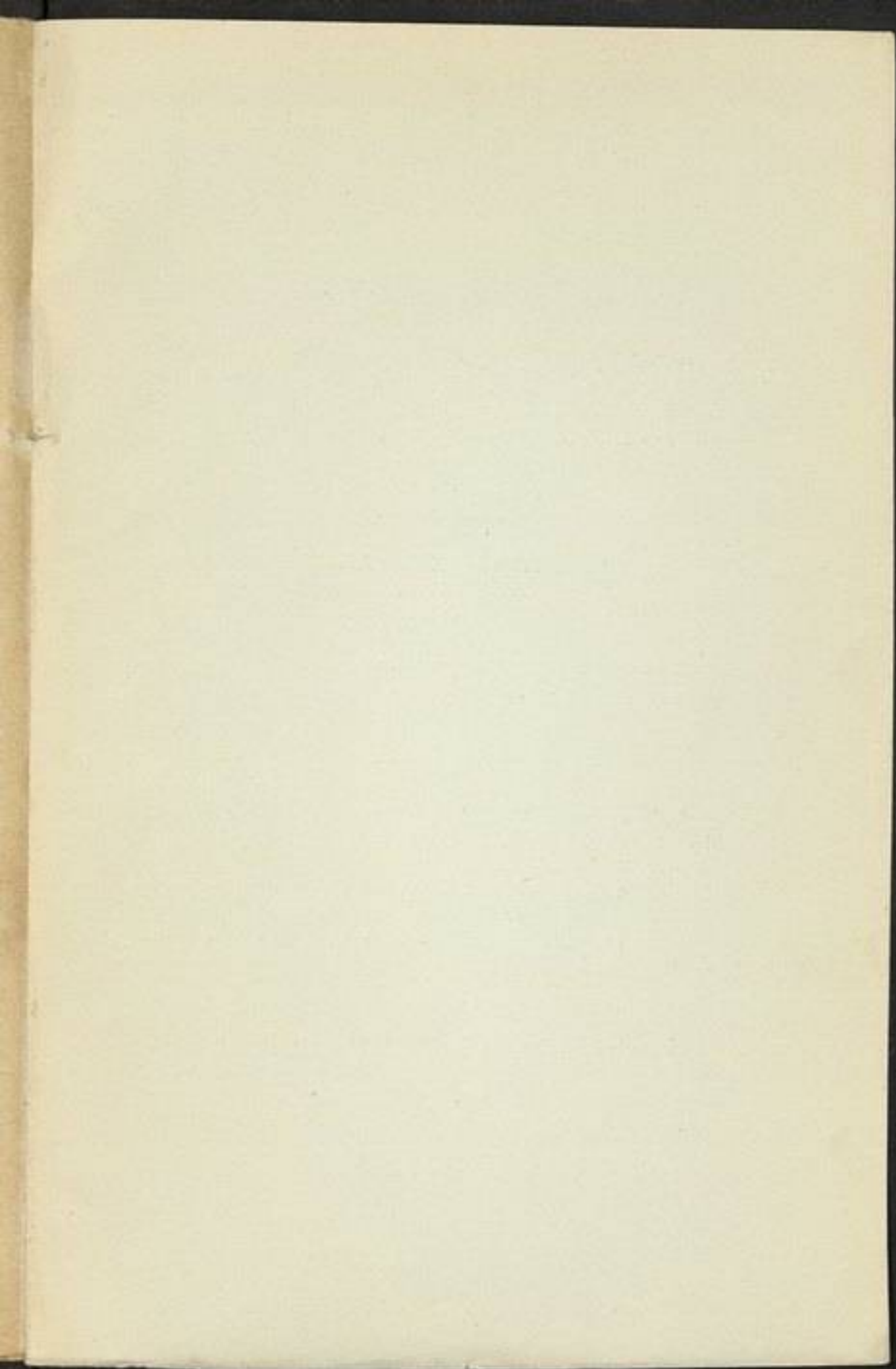
«No sitio em que esta Parochia e seu Adro se achão situados consta havia antigamente no tempo dos Godos hum convento de Sam Bento onde o Santo obrava tantos milagres que os mesmos Mouros lhe chamarão (Machdas) que se interpreta (Terra ou lugar santo) de cuja corrupção naceo a esta Freguezia o nome de Machede. Do dito convento se descobrem alguns vestigios como Alicersses, sepulturas apparecendo destas muitos ossos; sendo o signal mais evidente o Pillar de pedra em que se acha a Imagem do Santo Christo Crucificado de que fizemos menção em o numero 13 destes Interrogatorios. Na Igreja deste mesmo Convento em cujo lugar se acha edificada esta Parochia, como bem o estão mostrando os vestigios que apparesem, he tradição se enterrava Juliano Bispo que foi de Evora. O que depois de 900 annos se fes publico aos vindouros no seguinte Epitaphio que na rustica campa do seu sepulcro se descobrio:

JULIANUS FAMULUS CHRISTI EPISCOPUS ECLEZIAE EBORENSIS
HIC SITUS EST:
VIXIT ANNOS PLUS MINUS SEPTUAGINTA:
REQUIEVIT IN PACE KALENDIS DECEMBRIS: ERA 604.
ID EST ANNO DE CHRISTO 565.

Na mesma Referida Igreja dos Religiosos de Sam Bento se dis fora sepultado hum seruo de Deos chamado Paulo, ao qual morrendo no tempo do mesmo Bispo Juliano em 30 de Julho de 544 se lhe graou sobre sua sepultura igual e identico Epitafio ao sobredito Bispo; o que tudo se pode melhor ver em Rezende, Menezes, e Moraes: Liv. II, Cap. 54». (Tomo XXII, fl. 90).

Freguesia de Nossa Senhora.— «Nesta freguezia não ha serra, e só tem alguns oiteiros, e delles o que he mais levantado he o oiteiro que está na herdade de Bativelhas, ao qual chamão impropriamente a Serra de Bativelhas; tem de comprimento meya legoa e de largura hũ quarto de legoa e na ponta do dito oiteiro para a parte da herdade da Fonte Coberta estão huns fogos ou covas grandes aonde (parese) se cavou antigamente algũs metaes, porem, não consta de que qualidade, e por algũs vestigios, se julga, seria ferro». (Tomo XXII, fl. 102).

PEDRO A. DE AZEVEDO.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.